

Atena
Editora
2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8 79

PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO

[Leonice Rosa da Cunha Abreu](#)

[Zenaide Lima de Sousa](#)

[Elio Ferreira Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905028

CAPÍTULO 9 82

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

[João Batista Romualdo Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.9261905029

CAPÍTULO 10 87

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

[Hinara Dias Juca](#)

[Leididaiane Inácio de Sá](#)

[Ana Técia de Lima](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050210

CAPÍTULO 11 95

VIDA E MORTE QUILOMBOLA

[Adelmir Fiabani](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050211

CAPÍTULO 12 109

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

[Sérgio Rodrigues de Souza](#)

[Liliane Rodrigues de Araújo](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050212

CAPÍTULO 13 116

VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

[Cláudio José Araújo Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050213

CAPÍTULO 14 124

CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

[Terezinha Richartz](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050214

CAPÍTULO 15 133

HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

[Deyse Morgana das Neves Correia](#)

DOI 10.22533/at.ed.92619050215

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosiléa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA

Josineide Carvalho Costa

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Florianópolis - PI

Herasmo Braga de Oliveira Brito

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Florianópolis - PI

RESUMO: As abordagens sobre os procedimentos de construções satíricas através da ironia, da paródia e principalmente do riso, têm ganhado maior espaço dentro dos estudos literários. Apesar de estes procedimentos literários estarem marcados pela retirada da linguagem do seu espaço celeste, isto é, de uma aparente estabilidade do texto literário do qual se fazia acreditar na pouca força contestadora dessas produções. Todavia, algumas das abordagens realizadas sobre esses temas acabam desconsiderando algumas singularidades e amplitudes que permeiam os discursos satíricos. Analisar, portanto, pelo viés do riso e da sátira a construção identitária do negro através das poesias de Luiz Gama em *Primeiras trovas burlescas* constitui o nosso ensejo. Teremos como base para fundamentação das nossas ideias os seguintes autores Duarte (2006), Gama (2000), Bergson (2001), Propp (1992).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-Brasileira.

Luiz Gama. *Construção Identitária do Negro*.

ABSTRACT: The approaches to the procedures of satirical constructions through irony, parody, and especially laughter, have gained more space within literary studies. Although these literary procedures were marked by the withdrawal of the language from its celestial space, that is to say, of an apparent stability of the literary text from which it was believed in the little contending force of these productions. However, some of the approaches taken on these themes end up overlooking some singularities and amplitudes that permeate the satirical discourses. To analyze, therefore, through the bias of laughter and satire, the identity construction of the Negro through the poems of Luiz Gama in *First burlesque trophies* constitutes our opportunity. We will have as basis for our ideas the following authors Duarte (2006), Gama (2000), Bergson (2001), Propp (1992).

KEYWORDS: Afro-Brazilian Literature. Luiz Gama. Black Identity Building.

1 | INTRODUÇÃO

A análise dos poemas satíricos em *Primeiras Trovas Burlesca de Getulino*, sucinta várias indagações iniciais quanto ao riso provocado e à duplicidade de sentidos

presentes na obra literária. Dado o momento histórico em que a propriedade escrava era o centro de debate político, surge um negro com uma vasta produção intelectual literária capaz de denunciar esta realidade objetiva pelo uso da sátira. Antes de adentrarmos ao universo poético de Luiz Gama, cabe analisarmos alguns conceitos relacionados à sátira literária mesmo não sendo nossa intenção, neste trabalho, construir uma teoria satírica. É, contudo, de nosso interesse, observar o lugar da sátira e do riso, principalmente no universo literário de Gama, para tanto, as contribuições da historiografia são interessantes, bem como os estudos que tratam dessa delimitação em termos formais. Há que se distinguir antes de tudo o humor da sátira. O humor relaciona-se com o cômico, o grotesco, o burlesco, o irônico, o sarcástico, sem, todavia, se confundir com esses gêneros. O humor para quem o percebe desperta um sutil processo mental. Nas entrelinhas do dito e não dito o humor tece uma infinita trama de conotações, metáforas subentendidas, jogo de palavras, articulação entre o sério e o pitoresco; entre o erudito e o popular, utilizando-se do potencial sugestivo da sátira, da paródia, da ironia, da paráfrase etc., podendo servir para ridicularizar, satirizar, satanizar o inimigo, mas também para explicitação da moral de uma história com finalidade cômica. A sátira abordada também pela ironia, paródia, e pelo riso, está marcada pela retirada da linguagem no seu espaço fixo. Extraída da sua adjacência com a realidade, tem como característica principal a ação reveladora do que se encontra oculto e a qualidade de disseminar princípios morais visando combater os vícios sociais e punir os maus hábitos através do riso repleto de sarcasmo, mesmo não sendo o cômico meta essencial da técnica satírica. Diante dessa breve explicação, podemos perceber algumas diferenças entre o humor e sátira, entretanto, em suas variações, ambas abordagens, apresentam um elemento comum, o uso do riso. De acordo com (DUARTE, 2006) o riso é composto por:

Fundamentalmente por dois objetos: o outro ou o eu. Provocado pela ironia, o riso é uma afirmação de poder sobre o outro, considerado então de alguma forma inferiorizado. No humor, pelo contrário, o riso volta-se para o próprio eu, que brinca com seus costumes, crenças, pretensões ou manias.

Semelhantemente demonstra Propp (apud ROCHA, 2006) “o riso tem dois grandes gêneros: aquele que contém e aquele que não contém a derrisão” sendo o “riso de zombaria” – aquele que contém a derrisão – e o “riso bom” (ligado ao humor) – o que não contém a derrisão. Propp (apud ROCHA, 2006) afirma:

O riso de zombaria ocorre com maior frequência, tanto na vida, quanto na arte: o riso ridicularizador do grupo de amigos é um exemplo do riso de zombaria na vida; na arte, as expressões satíricas, a maior parte das produções paródicas e caricaturescas também recorrem à possibilidade de um riso crítico, que pressupõe a superioridade de quem ri face ao alvo do riso ou, de um riso suscitado pelos defeitos daquilo ou de quem se ri. ”

Apesar do riso de zombaria ser o mais frequente no mundo da modernidade em outras épocas aconteceu o inverso. Remete-se ao século V o surgimento de uma sensibilidade que o renegaria por tê-lo condenado ao mau gosto e a deselegância durante muito tempo. Os motivos de sua não aceitação variam de acordo com a época e com aqueles que o reprovam. Esse desprestígio acarretou consequências mortais para a correta apreciação da sátira.

Se a sátira requer uma consciência alerta que seja capaz de observar as incongruências do homem e da sociedade e se parte do pressuposto de que a exposição de tais incongruências pode acarretar a correção dos vícios e desvios, produzindo uma melhoria do caráter humano, bem como das instituições sociais, é possível afirmar que ela se vincula ao que é intimamente humano, uma vez que expressa a insatisfação e a esperança. Arntzen(1971), afirma muito bem: “pelo fato de a sátira revelar que o que apenas é ainda não é nada, ela torna perceptível o que poderia ser, e com isso o que seria a verdadeira realidade, o concretamente real, como a história humana no horizonte de sua utopia.” Todavia, essa singularidade e prestígio do discurso satírico não foi considerado por muitos, segundo Jürgen Brummack (apud SOETHE, p.4, 1998):

A crítica especializada do século XVII teria se ocupado ativamente dessa forma literária. A partir do Romantismo, porém, ela teria vivido um período de desprestígio, e em seu lugar teriam se desenvolvido somente teorias do humor, do cômico, da ironia e do chiste.

É somente a partir do século XX que acontece uma mudança na situação, “as transformações do conceito de literatura e os questionamentos acerca de sua função social teriam despertado interesse pela sátira”, de acordo com Brummack. Porquanto, esse desprestígio sem dúvida é um dos motivos que relegou ao esquecimento do grande satírico que foi Luiz Gama. Dentre tantos gêneros da época fez uso do riso, o elemento denunciador das mazelas sociais, através dos seus poemas satíricos-raciais. Demonstrar sua singularidade e o modo como Gama usava sua consciência identitária de negro para afirmar sua voz na literatura, mesmo diante de uma realidade desfavorável, é o nosso maior propósito. Para cumprir esse objetivo utilizaremos sua única obra *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* como fonte de análise.

2 | O MAIS ALTO POETA SATÍRICO

Luís Gonzaga Pinto da Gama, ou Luís Gama, nome abreviado pelo qual mais é conhecido, nasceu em 1830, na Bahia, era filho da africana Luiza Mahin e de um fidalgo de origem portuguesa. Vendido como escravo aos dez anos, pelo próprio pai, Luís Gama é levado para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo, e continua nesta condição até ser alfabetizado por um amigo aos 17 anos. Autodidata, conseguiu

provar sua liberdade tornando-se o primeiro negro escravizado a atuar como advogado (rábula) no Brasil. Mais tarde, Luiz Gama se tornaria um dos maiores líderes “precursor” da causa abolicionista que conseguiu libertar centenas de pessoas escravizadas ilegalmente. Sujeito arredo e determinado, apesar da inferioridade, do racismo e da resignação que o negro vivia naquela época, lutou inteligentemente contra um contexto histórico que marginalizava o negro e sua cultura. Entretanto, sua “fama” está reduzida quase que praticamente aos estudos de Sílvio Romero, Sud Mennucci, Júlio Romão e de pouquíssimos contemporâneos. Sua biografia é muito singular, único negro brasileiro que nasce livre, passa pela experiência da escravidão, torna-se membro da república das letras, figura associada a produção literária e ao campo político jurídico. Muitas vezes, a figura de Luiz Gama, resume-se somente a sua história (como foi descrita acima) e nos trabalhos gerais sobre a literatura brasileira que quase sempre citam seu nome dedicando-lhe algumas linhas e definindo-o como poeta satírico e “precursor” do abolicionismo. Sem dúvida o poeta deixou um grande legado, mas o que se desconhece é que ele deixou algo tão grande quanto sua própria história: sua obra literária. Esta é a dimensão pouco explorada e menos conhecida nos dias atuais. Assevera (MARTINS, 1977) que Luís Gama tem “uma posição igualmente única em nossa literatura, a posição, aliás insuficientemente reconhecida, de ser o nosso primeiro (no sentido da grandeza) e mais alto poeta satírico.” Antes de adentrarmos um pouco sobre a consciência lúdica de Luís Gama em sua obra, vale apenas lembrar o contexto do negro na literatura brasileira.

Na literatura nacional a figura do negro, diferentemente da exaltação do índio, sempre foi exposta de forma opaca e rarefeita, com poucos personagens, versos e cenas. O negro esteve presente na literatura mais como tema do que como voz autoral, na verdade antes de 1850 o que notamos é sua total ausência. Surpreendentemente, segundo o censo datado de 1872, aponta que 58% dos residentes no país se declaravam “pardos ou negros”, contra 38% que se diziam brancos e os índios perfaziam 4% do total da população (época em que viveu Luís Gama). É a partir do barroco que o negro começa a aparecer, porém de forma caricatural, na poesia satírica de Gregório de Matos e em textos do Padre Vieira. No período romântico (1836-1881), o projeto político dos escritores brasileiros estava voltado para a construção da identidade nacional (base ideológica do indianismo) e para o espírito nacionalista, de independência e de liberdade que passou a ser representado literalmente pela imagem do índio. É somente no fim da fase indianista que o negro surge para contracenar com índio. Mas, enquanto o índio por natureza é apresentado como corajoso e profundamente orgulhoso de sua independência (emblema mítico nacional), o negro é demonstrado como um ser humilde, resignado e sem identidade que buscava a cultura do branqueamento para ser “aceito.” Um exemplo é a obra *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, que arianiza a personagem negra a tal ponto que o drama desenvolvido é o sofrimento de uma negra que “passa” por branca (e sempre teve tratamento de branca) ameaçada de ser submetida à sua condição legal. Segundo informa Heitor Martins, Revista Afro-

Ásia (1996):

No romance e no teatro, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães trataram o negro, procurando sempre deslocar o problema imediato da realidade da vida do escravo para a consideração da influência moral negativa que a escravidão exercia sobre a população branca. O negro escravo é a alegoria dos males morais da escravidão, obras como *O Demônio Familiar* (1858), de Alencar, e *As Vítimas-Algozes* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo, a partir dos títulos, já indicam tal preocupação.

Luís Gama, esteve consciente diante desses pormenores que o negro enfrentou, tanto na literatura brasileira quanto na sociedade daquela época. Mesmo assim, surge corajosamente através de muita luta, expressando seus versos exaltadores de sua etnia, engrandecendo com eloquência e personalidade a sua origem negra. Sua obra, *Primeiras Trovas Burlescas*, publicada em 1859, é composta principalmente por sátiras sociais, políticas e temas raciais que denunciará as mazelas e os paradoxos políticos e raciais do Brasil daquela época. Poeta *sui generis*, sua obra foi bem recebida pela crítica. É o primeiro autor afro-brasileiro e a primeira voz negra na literatura brasileira. Nesse sentido, sua obra com diversas temáticas, apresenta nos dois primeiros poemas “Prótase” e “Lá Vai Verso! ” (Invocação às Musas), uma demonstração de estilo paródico e de caráter épico. No poema “Que Mundo É Este?” percebemos a sua leveza em despertar o riso (sem deboche) de forma consciente e lúdica. Era alguém que conhecia a realidade social da época e que não era omissos, seu tom demonstrava engajamento em denunciar as mazelas do período (GAMA, 2000, p.128):

Que mundo? Que mundo é este?

Do fundo seio d'est'alma

Eu vejo... que fria calma

Dos humanos na fereza!

Vejo o livre feito escravo

Pelas *leis* da prepotência;

Vejo a riqueza em demência

Postergando natureza

Vejo o vício entronizado;

Vejo a virtude caída,

E de coroas cingida

A estátua fria do mal;

Vejo os traidores em chusma

Vendendo as almas impuras,

Remexendo as sepulturas

Por preço d'áureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,

Ostentando os seus brasões,

Feio enxerto de dobrões

Nos troncos da fidalgia;
Vejo este mundo às avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quando farfante arrota
Podres grandezas de um dia!

Brônzea estátua – o rico surdo
Aos tristes ais da pobreza
Amostra com vil rudeza
Uma burra aferrolhada;
Manequim de estupidez
No orgulho vão da cobiça
Tem por divisa cediça
– Alguns vinténs e mais nada.

O poder é só dos Cresos,
A ciência é de encomenda;
Sem capital e sem renda
Com pouco peso – o que val?
Talentos – palavrões ocós! –
Que nunca deixaram saldo;
Não há sustância no caldo
Que não tempera o metal!

Sisudez... que feia másc'ra!
Isso é peste, isso é veneno!
Se é pobre, nasceu pequeno,
Quem aspira a posição?!
Não vê que é grande toleima
Querer subir sem moeda,
Pois não escapa de queda
Quem teve um leito no chão!

Que se empertigue enfunado
Algum sandeu que traz marca...
Reparem que a bisca embarca
Que leva à vela o batel!
E o povo que o vê fulgindo
Com lantejoulas brilhantes
Não olha p'ra o que foi d'antes,
E nem lhe enxerga o xarel!

E o mais é que zune e grasna
O pateta aparvalhado
Parece que é deputado
Os ministros fulminando;
Grita, berra, espinoteia,
Calunia, faz intriga,
Mas logo fala a barriga,

E vai a teta chupando!

Digam lá o que quiserem
Fale embora o maldizente;
Eu bem sei que tudo mente,
Sei que o mundo tem razão;
Se eu tivesse na algibeira
Alguns cobres, que ventura! –
Mudava o nome, a figura,
Ficava logo *Barão!*

Em outros versos como, por exemplo, “No Álbum”, há um tom revelador do preconceito sofrido pelos os negros, principalmente quando a cor de pele era fator determinante para classificar o nível sócio e intelectual. Percebemos mais uma vez o tom satírico, de acordo com os trechos abaixo (GAMA, 2000, p.29):

Não borres um livro,
Tão belo e tão fino;
Não sejas pateta,
Sandeu e mofino.

Ciências e letras
Não são para ti
Pretinho da Costa
Não gente aqui

Ouvindo o conselho
Da minha razão,
Calei o impulso
Do meu coração.

Se o muito que sinto
Não posso dizer,
Do pouco que sei
Não quero escrever.

Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na ciência
Sou intrometido.

Desculpa, meu amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o *branco*
Nos privam té de pensar! (...)

Outro exemplo crucial, acerca do uso da sátira, segue na construção do poema mais conhecido por “Bodarrada” em que, de forma explícita, perceberemos abaixo, a opção do poeta em selecionar palavras carregadas de ironia e humor para demonstrar que não há porque se viver julgando, menosprezando ou classificando as pessoas por tom de pele, pois no final somos todos “bodarrada” como menciona em um dos seus poemas mais conhecido e intitulado por “Quem Sou Eu?” (GAMA, 2000, p.116):

Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o Tico-tico;
Não me envolvo em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho:
Da grandeza sempre longe
Como vive o pobre monge.
Tenho mui poucos amigos,
Porém bons, que são antigos,
Fujo sempre à hipocrisia,
À sandice, à fidalguia;
Das manadas de Barões?
Anjo Bento, antes trovões.
Faço versos, não sou vate,
Digo muito disparate,
Mas só rendo obediência
À virtude, à inteligência:
Eis aqui o *Getulino*
Que no plectro anda mofino.
Sei que é louco e que é pateta
Quem se mete a ser poeta;
Que no século das luzes,
Os birbantes mais lapuzes,
Compram negros e comendas,
Têm brasões, não – das *Calendas*,
E, com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela *arte do Vieira*,
E com jeito e proteções,
Galgam altas posições!
Mas eu sempre vigiando
Nessa súcia vou malhando
De tratante, bem ou mal,
Com semblante festival.
Dou de rijo no pedante
De pílulas fabricante,
Que blasona arte divina,
Com sulfatos de quinina,
Trabuzanas, xaropadas,
E mil outras patacoadas,

Que, sem pingo de rubor,
Diz a todos, que é DOUTOR!
Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trai a justiça,
– Faz a todos injustiça –
Com rigor deprime o pobre
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
E só acha horrendo crime
No mendigo, que deprime.
– Neste dou com dupla força.
Té que a manha perca ou torça.
Fujo às léguas do lojista,
Do beato e do sacrista –
Crocódilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados
Mas que, tendo ocasião,
São mais feros que o Leão.
Fujo ao cego lisonjeiro,
Que, qual ramo de salgueiro,
Maleável, sem firmeza,
Vive à lei da natureza;
Que, conforme sopra o vento,
Dá mil voltas num momento.
O que sou, e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Posto que já veja irados
Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições,
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo,
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos
Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baíos, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,

Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,
Ricas Damas e Marquesas
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores;
Belas Damas empoadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais,
Gentes pobres, *nobres gentes*
Em todos há *meus parentes*.
Entre a brava *militança* –
Fulge e brilha alta *bodança*;
Guardas, Cabos, Furriéis,
Brigadeiros, Coronéis,
Destemidos Marechais,
Rutilantes Generais,
Capitães-de-mar-e-guerra,
– Tudo marra, tudo berra –
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. –
O amante de Siringa
Tinha pêlo e má catinga;
O deus Mendes, pelas costas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas
São cantadas as bodinhas:
Pois se todos têm *rabicho*,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse pois a matinada,
Porque tudo é *bodarrada!* –

Esses são alguns trechos e poemas que compõem a obra *Primeiras Trovas Burlescas*. Como podemos perceber, Luiz Gama foi um grande intelectual e trazia nas suas poesias marcas de sua identidade negra. Conhecedor de sua origem, nunca menosprezou sua cor e tampouco se autovalorizou ou vangloriou-se, mas de maneira simplória e singular, demonstrava que no mundo havia lugar para todos, inclusive para os negros.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seus outros poemas, Heitor Martins afirma que “a possibilidade do emprego de material da cultura afro-brasileira na composição poética em “A Cativa” e “Minha Mãe” leva a afirmações de valores estéticos identificados com traços e feições africanas para composição desses poemas.” Em “Meus Amores”, publicado no jornal *Diabo Roxo* (1865) é que o poeta define uma beleza contrária aos cânones românticos, desvencilhando-se melhor que qualquer outro romântico brasileiro do eurocentrismo estético. Enquanto os Indianistas forçavam a mão para “ocidentalizar” o indígena, Luís Gama, toma caminho inverso e cria a primeira obra literária brasileira afirmativa de uma possibilidade estética alternativa, na qual a beleza negra é incluída. Com isto, Luís Gama, demonstrou claramente ser consciente de sua identidade, aceitando sua “negritude.” O próximo passo será a generalização destes valores para toda a sociedade que se formava no Brasil. Para finalizar, retomamos a reflexão do poema anterior, “Quem Sou Eu?”, de forma humorística e inventiva aos que o zombavam de “bode”, o poeta baiano transcende a mera resposta individual para criar uma imagem coletiva: não apenas ele, Luís Gama, é “bode”; na realidade, todos os brasileiros são “bodes”, ou seja, quer queiram quer não, todos os brasileiros participam da mesma base étnica que inclui uma grande participação negra. É por esta posição e tantas outras coisas e principalmente por sua consciência lúdica que Luís Gama se afirmou na diversidade do cenário nacional como uma voz ativa e original, diante de uma sociedade que oprimia e discriminava o negro, mas infelizmente seu nome é descrito apenas de maneira superficial, são poucos que o dedicam estudo merecido.

Sabemos que no Brasil há outros grandes autores que não compõem o cânone nacional. Não por falta de viés literário, mas devido aos equívocos de formação de consagração das nossas letras. Reconhecer os méritos de inúmeros que hoje são tidos como anônimos é que se espera daqueles dotados de inteligência e bom-senso. (BRAGA, Herasmo, 2010, p.43).

REFERÊNCIAS

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **Como e por que ler Luís Gama / Singularidade da poesia negra brasileira: Luís Gama**. Teresina/PI: Almagama, 2010.

CAGNIN, Luiz Antônio. **130 Anos do Diabo Coxo**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Revista do

Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, n.1, p.27 – 31, 1994.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.** Londrina/PR: Revista de Ciências Sociais, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira.** Belo Horizonte: Revista PUCR. v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

FERREIRA, Shirley. **As trovas burlescas de Getulino: o pulo do gato na literatura negra.** Belo Horizonte. Cardenos Cespuc – N.22. 2013

ROCHA, Rejane Cristina. **Da utopia ao ceticismo: a sátira na literatura brasileira contemporânea.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista. _____. 2006.

GAMA, Luiz. **Primeiras Trovas Burlescas e outros poemas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUCIANO, José Helio. **O Negro na Literatura: De Objeto a Sujeito.** Londrina/PR. Universidade Estadual de Londrina.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira, (1855.1877).** São Paulo: Editora Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1977, vol. I11 p. 109.

MARTINS, Heitor. **Luís Gama e a Consciência Negra na Literatura Brasileira.** Bahia: Universidade Federal da Bahia: Revista Afro-Ásia, n. 17, artigo nº5. 1996.

SOETHE, Paulo Astor. **Sobre A Sátira: Contribuições Da Teoria Literária Alemã Na Década De 60.** Florianópolis: Universidade Federal do Paraná: Fragmentos, volume 7 nº 2, p. 07/27. 1998.

SOUSA, Florentina. **Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões.** Brasília: Fundação Cultura Palmares. Revista Palmares, ano 1, n.2, p.64 – dezembro.2005.

<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/censo-de-1872-unico-registrar-populacao-escrava-esta-disponivel-7275328>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

